

Seção I

Núcleo de Picuí

Educação a Distância, gênero textual, variação linguística e Festival de Arte Preta



RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NO CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EaD) DO INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA DA PARAÍBA (IFPB): UMA OPORTUNIDADE, UM APRENDIZADO

Ana Paula de Araújo Santos
Residente PRP Polo PICUÍ
araujopaulinhagomes@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), por meio do Programa de Residência Pedagógica (PRP), que engloba o curso de Letras Língua Portuguesa na modalidade Educação a Distância (EaD), proporciona uma imersão inenarrável com um aprendizado enriquecedor. Essa experiência oportuniza um contato direto com o alunado, com a prática docente, o que proporciona, também, a identificação de problemas e de desafios enfrentados em uma sala de aula, assim como o compartilhamento de ensinamentos e o aprendizado com os discentes e os docentes.

Em um curso de ensino superior na modalidade EaD, em que o contato do discente com o professor acontece por meio de uma plataforma digital, um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), a interlocução é realizada de maneira virtual, isto é, não existe uma relação presencial, com conversas e espaços para solucionar as dúvidas. Desse modo, o PRP oportuniza ao estudante de EaD uma experiência enriquecedora a partir de sua atuação presencial com a turma na qual realiza suas atividades.

Por meio do PRP, é possível desenvolver habilidades pedagógicas, como planejar aulas, elaborar sequências didáticas, assumir o papel de professor das turmas e lecionar conteúdos, como também ser útil para estudantes em processo de formação e que sonham com um ensino superior. Assim, com esse programa, os graduandos participantes – futuros profissionais – têm a oportunidade de experienciar situações reais que fazem parte da atuação docente.

DESENVOLVIMENTO

O Programa de Residência Pedagógica (PRP) é uma iniciativa do Governo Federal e apresenta-se como um dos programas ofertados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), propiciando ao estudante de licenciatura a sua formação como docente, a partir de vivência na escola (CAPES, 2018). O residente que desejar participar do programa realizará o seu estágio supervisionado em escolas públicas, e, como incentivo para o graduando, o PRP oferece uma bolsa mensal.

A residência pedagógica aqui relatada foi realizada no *campus* Picuí do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), em turmas de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio. As aulas foram ministradas às seguintes turmas: a dois primeiros anos do curso de Edificações (G1 e G2), dois primeiros anos do curso de Mineração (G1 e G2) e dois segundos anos do curso de Geologia (G1 e G2), nos turnos da manhã e da tarde.

O período da experiência em tela iniciou-se em dezembro de 2023, com ambientação no *campus*, finalizando em abril de 2024. Durante esse período, foram realizadas reuniões com a docente orientadora

e apresentada a proposta de produção de um artigo científico que consistiu em uma análise do conteúdo de uma unidade do Livro Didático adotado pelo IFPB para turmas do ensino médio, com base no que preceitua a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017).

Durante esse período, a professora Carolina Nicácia Rocha assumiu a coordenação do programa, e a professora Mariana Freire atuou como preceptora, comparando a todas as aulas presenciais. As atividades foram executadas com colegas do curso – Claudineide Pereira, Verônica Piedade, Ana Paula Silva e Gisele Santos – também integrantes do programa e com quem foram realizados os planejamentos de aulas, a elaboração de sequências didáticas (SD), encontros *online* para decidir nossas atividades e a atuação docente na sala de aula.

Desde o primeiro momento dessa minha experiência, senti-me acolhida pelas minhas colegas de graduação acima citadas e que já participavam do programa há mais tempo – assim como pela professora coordenadora e pela professora preceptora. Esse acolhimento foi fundamental para que eu me sentisse mais à vontade e confiante quanto ao trabalho que foi desenvolvido em equipe.

Por meio dessa experiência de residente, pode-se constatar que o trabalho do professor não se resume apenas às horas na escola e em sala de aula. Sua atividade estende-se além do ambiente de sala de aula, pois é preciso preparar aulas, atividades e avaliações, assim como corrigi-las, acompanhar plataformas digitais da instituição de ensino, seja para registrar aulas, presenças, seja para disponibilizar materiais didáticos para reforçar o aprendizado do estudante.

Lüdke e Scott (2028, p. 110) destacam que “A formação de professores se encontra na base de sustentação do edifício da educação, sede para o desenvolvimento dos jovens cidadãos de uma sociedade”. Assim, programas como o PRP são de extrema relevância para a formação de futuros professores.

Em todas as minhas aulas nas turmas acima mencionadas, atuei como regente, dividindo momentos com algumas de minhas colegas residentes, ou lecionando aulas sozinha, na presença da professora preceptora, que sempre contribuiu com seus comentários, acrescentando informações pertinentes. Sobre essas intervenções, é importante que se ressalte que elas são fundamentais para a dinâmica da sala de aula e muito contribuem para a formação do futuro professor.

Sobre a atuação do professor preceptor no processo de formação do graduando em licenciatura, Lacerda, Teles e Omena (2019, p. 576) consideram ser “[...] imprescindível a inclusão do preceptor, profissional responsável pela integração de conceitos e valores da escola e do trabalho ao ensinar, aconselhar e inspirar o desenvolvimento dos futuros profissionais”. A conduta desse preceptor serve como exemplo e referencial para a futura vida profissional e formação ética do profissional em formação (Lacerda; Teles; Omena, 2019), assim, a relação estabelecida por estes dois atores – graduando e preceptor – impacta, diretamente, na constituição da carreira de um novo profissional.

Durante minha vida acadêmica, além de minha participação no PRP, por meio das disciplinas Estágios Supervisionados I, II e III, também pude experimentar atividades docentes quando atuei na observação de aulas. Essa atividade foi realizada em uma escola pública municipal de ensino fundamental, também situada em Picuí, Paraíba.

Sobre as experiências de observação e de regência, um aspecto sobressai à minha percepção: a tamanha disparidade entre as condições de infraestrutura das unidades escolares. Na instituição federal, encontram-se salas de aula climatizadas, com acesso à lousa eletrônica e a demais equipamentos eletrônicos, como aparelhos de TV e projetor de *datashow*, enquanto, na unidade municipal, as salas dispõem de ventiladores que não são suficientes para proporcionar um ambiente agradável ao discente e ao docente

Para Satyro e Soares (2007), problemas relacionados à deficiência em infraestrutura afetam diretamente a qualidade da educação. Esta precisa ser oferecida, levando em conta, também, aspectos físicos das escolas, o que, associado a outros pontos igualmente essenciais – como a qualificação e a capacitação do professor –, promove o êxito na formação educacional do discente.

Durante todo o período de minha atuação no PRP, antes de ministrar as aulas, reunia-me com as demais residentes por meio de encontros por videochamadas, e ali apresentávamos nossas ideias até formar um planejamento e, em seguida, produzir sequências didáticas a partir do conteúdo programado para cada turma. Nesse sentido, Alves *et al.* (2019, p. 2) afirmam que o planejamento vem com o intuito de nortear o professor em relação à sua turma, o que permite identificar “[...] as necessidades nelas existentes, como também adequar sua prática a realidade dos alunos, resultando em uma experiência satisfatória do professor para o aluno e vice-versa”.

As atividades em sala de aula eram organizadas, tendo como base a metodologia das sequências didáticas (SD). Dolz e Schneuwly (2013, p. 82) as definem como “[...] um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. E, para que haja sucesso em sua aplicação, “[...] é necessário que o professor tenha pleno conhecimento do conteúdo, do objeto de ensino e que crie condições para que possa perceber as possíveis dificuldades dos estudantes” durante a sua execução (Souza, 2019, p. 37).

Assim, as primeiras SDs foram aplicadas nas primeiras semanas do ano letivo de 2024, para alunos do primeiro e do segundo anos do EM, consistindo em um momento de apresentação das residentes e a explanação para os alunos das turmas nas quais atuamos. Na ocasião, houve uma dinâmica de apresentação, por meio de uma avaliação diagnóstica com a utilização do aplicativo *Kahoot* (plataforma que disponibiliza jogos como forma de tornar dinâmica a aprendizagem), com perguntas e respostas de conteúdos de Língua Portuguesa (LP) que foram estudados pelos discentes no ano de 2023. Além disso, foi realizado um teste de sondagem, com a finalidade de traçar o perfil do aprendiz, por meio do *Google Forms* – aplicativo do Google utilizado para se obter informações de pessoas.

Sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), verifica-se que elas “[...] atingiram a vida sociocultural das pessoas [...], elas também chegaram às escolas, faculdades e universidades impondo aos professores e alunos a possibilidade de uma nova forma de ensinar e aprender por meio das ferramentas tecnológicas” (Santos, 2011, p. 130). Dessa forma, Santos (2011, p. 130) considera que foram criados “[...] novos paradigmas no cenário da educação”, e, nesse contexto, a utilização de ferramentas tecnológicas é bastante relevante para o processo de ensino-aprendizagem, havendo uma satisfatória adesão dos alunos.

Ainda em relação ao uso das TIC, com o objetivo de dinamizar as aulas, é necessário enfatizar atividades envolventes de modo a conquistar a audiência efetiva da turma. Em qualquer contexto escolar, sabe-se que não se trabalha com turmas homogêneas, assim, é possível identificar alunos que se destacam pela timidez, pela participação ativa, pelas conversas e brincadeiras excessivas durante as aulas, pelo silêncio, entre outras características.

Ficou evidente, nesta minha experiência com o PRP, que, em momentos em que o residente ou mesmo o preceptor expôs o assunto de forma tradicional, em uma aula meramente expositiva (professor fala, e aluno escuta), foi notório o clima de monotonia. Nesse contexto, os discentes conseguem se dispersar mais rapidamente e não absorvem o tema satisfatoriamente.

Por outro lado, quando a aula é organizada para além da prática tradicional, com exposição, mas também com exibição de vídeos, com execução de músicas, com a realização de jogos e com o uso de outros recursos mais envolventes, é perceptível que mais discentes se engajam e participem. Logo,

percebe-se que o aprendizado de forma dinâmica, com o uso das TIC, pode apresentar um melhor resultado, o que implica um melhor rendimento escolar.

Na segunda SD, para a turma do 2º ano de Geologia, foi trabalhado o tema gêneros textuais (GT) e a sua função social/comunicativa e tipos textuais. Foram mencionados diversos GTs, com ênfase em anúncio publicitário e campanha publicitária, com apresentação e discussão de alguns vídeos que serviram de exemplo para uma melhor compreensão.

Linguagem, texto e hipertexto foram assuntos trazidos na terceira SD, para alunos do primeiro ano do EM de Edificações e Mineração.

Em seguida, foi abordada a coesão textual e sua importância para a produção de textos. Para essa aula, trabalhamos com o gênero música, momento em que executamos a música Eduardo e Mônica, do grupo Legião Urbana. Realizamos, então, uma discussão acerca do tema do texto e, em seguida, propusemos atividades de análise de texto.

Todas as propostas de SD foram elaboradas para a execução em três momentos: uma abordagem teórica do conteúdo programático; o uso de TIC para a execução de músicas, exibição de vídeos e realização de jogos de perguntas e respostas; por fim, aplicação de fichas de exercícios com o objetivo de dimensionar se o conteúdo foi compreendido de forma satisfatória. A experiência com o uso de SD foi bastante positiva, e conseguimos alcançar os objetivos elaborados para cada uma delas.

Diante do curto espaço de tempo como residente, não tive a oportunidade de produzir SD e ministrar conteúdo de Literatura, algo que eu gostaria de ter vivenciado, pois vejo o ensino de literatura como uma “viagem” na história, marcada pelo encantamento, pela emoção, pela reflexão, pela crítica. Pode-se trabalhar os autores e conhecer mais sobre eles, seus contextos de produção, seus estilos, suas características pessoais, políticas e ideológicas.

Acredito que, com um ensino produtivo da literatura, por meio da abordagem do texto literário em sua integralidade, evitando-se a fragmentação das obras, sem uma ênfase em aspectos relacionados a movimentos literários, a escola possa contribuir para a formação do letramento literário do aluno. Este, tendo a oportunidade de compreender as especificidades do texto literário, possivelmente, será um leitor proficiente.

Em relação ao texto literário, Leite (2020, p. 18) considera que “[...] o material com que trabalha a literatura é fundamentalmente a palavra e que, portanto, estudar literatura significa também estudar língua e vice-versa”. A BNCC (Brasil, 2017, p. 499) ressalta que, “Por força de certa simplificação didática, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros gêneros artísticos substitutivos, como o cinema e as HQ, têm relegado o texto literário a um plano secundário de ensino” e que “[...] é importante não só (re)colocá-lo como ponto de partida para o trabalho com a literatura, como intensificar seu convívio com os estudantes”.

No que tange à literatura, Corsino (2021, p. 95) defende que “[...] não podemos passar pela vida sem ela”. Daí a relevância do trabalho com a leitura do texto literário em aula e o papel da escola como importante promotora do letramento literário e formadora de leitor literário, uma vez que, “[...] sendo a educação [...] direito de todos, a escola tem sido, ao longo da história, uma importante agência à leitura e à literatura” (Corsino, 2021, p. 96).

Apesar da falta de oportunidade em atuar em aulas de Literatura durante o PRP, considero que participar do programa foi uma experiência singular. O aprendizado adquirido com as disciplinas, durante toda a minha formação como aluna de Letras, contribuiu bastante para que eu pudesse refletir

a respeito de minha qualificação e de minha atuação como docente.

CONCLUSÃO

Programas institucionais que visam ao aprimoramento do processo de formação inicial de graduandos de cursos de licenciaturas que vão atuar na Educação Básica, como o Programa de Residência Pedagógica ofertado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, são, sem dúvida, iniciativas relevantes com o foco na qualificação profissional docente. Nesse sentido, o PRP apresenta-se como uma oportunidade de o futuro docente familiarizar-se com a rotina do ambiente escolar, como planejamentos e execução de aulas, participação em reuniões pedagógicas, entre outras ações igualmente importantes.

Em face do exposto, pode-se concluir que o PRP foi uma experiência e uma oportunidade indescritíveis, tendo contribuído para o meu aprendizado como estudante de nível superior, e que servirá para o momento em que eu for exercer a docência. Ademais, por meio dessa minha vivência, tive a oportunidade de experienciar, na prática, a atuação docente e considero que seja importante o professor inovar em suas aulas, promover espaço para um ensino reflexivo e crítico, fazer uso de recursos tecnológicos, da Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC), por exemplo, com o objetivo de propiciar um maior engajamento da turma e seu significativo e produtivo aprendizado.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. F. *et al.* A importância do planejamento escolar para a atuação em sala de aula. **XI Congresso Nacional de Educação**, Fortaleza. 2019.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 20 de dezembro de 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 25 abr. 2024.
- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. CAPES. **Programa de Residência Pedagógica**. 01 de março de 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acesso em: 25 abr 2024.
- CORSINO, P. Infância e literatura nas urdiduras de palavras e imagens. *In*: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (Org.). **A função da literatura na escola**: resistência, mediação e formação leitora. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Os gêneros escolares: das práticas de linguagens aos objetos de ensino. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2013.
- LACERDA, L. C. A.; TELES, R. B. A.; OMENA, C. M. B. Estágio supervisionado: percepção do preceptor sobre o processo de ensino-aprendizagem em um hospital de ensino. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.17, n.2, p. 574-591 abr./jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2019v17i2p574-591>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/37908/29025>. Acesso em: 14 abr. 2026.
- LEITE, L. C. M. Gramática e Literatura: desencontros e esperanças. *In*: GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2002.
- LÜDKE, M.; SCOTT, D. O lugar do estágio na formação de professores em duas perspectivas: Brasil e Inglaterra. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 39, n. 142, p.109-125, jan.-mar., 2018. DOI: 10.1590/ES0101-73302018183505.
- Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/rYN773zRq9P3Y9MWNYjWt4N/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 abr. 2026.
- SANTOS, A. **Tecnologias de informação e comunicação limites e possibilidades no ensino superior**. Anuário da Produção Acadêmica Docente Vol. 5, nº 12, Ano 2011.
- SATYRO, N.; SOARES, S. **A infraestrutura das escolas brasileiras de ensino fundamental**: um estudo com base nos censos escolares de 1997 a 2005. Brasília: IPEA, 2007.
- SOUZA, J. C. S. **A reescrita no ensino da produção textual do gênero textual escrito artigo de opinião na última série do ensino médio**: uma proposta de sequência didática. 49 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Letras, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), Sousa/PB, 2019.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NO CURSO DE LETRAS DO IFPB

Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia da Paraíba – Campus Picuí

Mariana Freire Rodrigues – Professora Preceptora
mariana.freire1@gmail.com

Ana Paula da Silva – Residente PRP Polo Picuí
paulaanna88@gmail.com

Claudineide Pereira de Oliveira – Residente PRP Polo Picuí
Claudineide.olive@gmail.com

Veronica da Piedade Costa Santos – Residente PRP Polo Picuí
veronicabsrpb018@gmail.com

Gisele Silva Santos – Residente PRP Polo Picuí
giselesilva13112001@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência tem o objetivo de descrever a prática pedagógica vivenciada por quatro alunas/residentes do curso Superior em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa na modalidade de Educação a Distância (EaD), por meio do Programa Residência Pedagógica (PRP) na Educação Básica. Essa experiência ocorreu especificamente nas turmas do Ensino Médio na Escola-Campo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), Campus Picuí.

O PRP e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) são iniciativas mantidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). De acordo com o artigo 4º da Portaria Capes nº 82/2022, um dos objetivos do PRP é “fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática de estudantes de cursos de Licenciatura”. Ambos os programas possibilitam a inserção de graduandos nas Escolas de Educação Básica, promovendo a incorporação de futuros docentes na vivência escolar. Essas iniciativas são de fundamental importância para professores em formação, licenciandos e futuros educadores.

O PRP é descrito como “[...] uma atividade de formação realizada por um discente regularmente matriculado em curso de licenciatura e desenvolvida numa escola pública de Educação Básica, denominada escola campo” (CAPES, 2018, p.1). Ele é estruturado com uma coordenação, professor preceptor e discente residente que, em conjunto com a Universidade e a escola, constituem um ambiente de ensino-aprendizagem multimodal. Essa abordagem coletiva possibilita uma formação inicial e continuada para todos os envolvidos nesse processo.

O projeto do PRP constitui-se como uma forma de Estágio Supervisionado obrigatório em escolas públicas, no qual o/a residente atua em sala de aula em conjunto com o preceptor, participando do dia a dia com os alunos. Participaram dessa residência estudantes que estavam cursando uma licenciatura a partir da segunda metade do curso, sendo, no nosso, caso a partir do 5º período do curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Para cumprir algumas das atividades exigidas pelo programa, como a regência, produzimos esse relato com base em algumas vivências que tivemos ao longo do programa proporcionadas pela

Residência Pedagógica, em algumas turmas de 1º e 2º anos do Ensino Médio no IFPB Campus Picuí. A parte de regência foi realizada por meio de Sequência Didática (SD).

Zabala (1998, p. 18) considera SD como “[...] um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que tem um princípio e um fim, conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos”, também conhecidas por sequência de atividades, por alguns autores, por acreditarem que elas não são apenas destinadas à produção de gêneros textuais orais e escritos.

Para relatar nossa experiência no PRP, escolhemos três Sequências Didáticas (SD) que implementamos durante nosso período de regência, como discussões concordantes ou inversas, obstáculos e alternativas de cenários e consequências, podendo resultar como ações favoráveis ou não, a fim de realizar uma análise de nossa prática em sala de aula.

A primeira escolha recaiu sobre a SD acerca de Pronomes; a segunda, sobre os autores Bordini e Aguiar em “A Formação do Leitor” (1993), utilizando o Método Recepcional, e a última foi embasada nos autores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Optamos por essas sequências por termos estudado a teoria correspondente durante nossa graduação, além de apresentarem métodos e abordagens que partem do conhecimento prévio do aluno, proporcionando, assim, uma mediação de ensino e aprendizagem significativa.

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS COMO FORMA DE ENSINO

Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82), SD consiste em um “[...] conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito [...]”. Em nossa prática pedagógica, pudemos constatar que o trabalho com SD proporciona, tanto ao docente quanto ao discente, uma progressão sistemática contínua no ensino-aprendizagem dos conteúdos, permitindo uma aprendizagem significativa de forma constante.

Durante o programa, destacamos a aplicação de uma SD com o tema gerador “pronomes”, ministrada nas turmas do segundo ano do ensino médio. A sequência foi desenvolvida ao longo de cinco aulas com duração de 50 minutos cada. Na primeira etapa, realizamos a contextualização do tema gerador, apresentando o conteúdo, utilizando a oralidade por meio da música “A Banda”, de Chico Buarque. Nessa atividade, extraímos os conhecimentos prévios dos discentes e destacamos os pronomes presentes na letra da música.

No segundo momento, foram feitas as explicações, definindo cada categoria de pronome por meio de slides, mostrando exemplos em textos como charges, tirinhas, cartuns e frases, para facilitar a compreensão do conteúdo. No terceiro momento, realizamos uma aula lúdica com um jogo de bingo sobre os pronomes, trabalhando de forma contextualizada e praticando a classificação e a observação deles. A dinâmica ocorreu da seguinte maneira: distribuímos cartelas com frases como exemplo, e, a cada chamada de uma “pedra” (representando um tipo de pronome), os alunos verificavam se o pronome chamado estava presente na frase de sua cartela. Por exemplo, se fosse chamado o pronome demonstrativo, os alunos procuravam por esse tipo de pronome em suas cartelas. Quem preenchesse primeiro a cartela vencia a dinâmica.

No quarto momento, realizamos uma atividade para diagnosticar o aprendizado dos alunos em relação a todo o conteúdo trabalhado desde o início da sequência. Foi distribuída uma atividade impressa contendo um texto no qual os alunos deveriam identificar os pronomes estudados. E, por fim, no quinto momento, promovemos uma segunda atividade de fixação por meio de um mapa mental.

Iniciamos com uma conversa informal sobre o que é um mapa mental e como esquematizar todo o conteúdo abordado. Propusemos aos discentes que desenvolvessem um mapa mental coletivo, o qual foi elaborado pela turma de forma bastante detalhada, com grande participação dos alunos.

Nas palavras de Bechara:

Pronome – é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto. De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso (Bechara, 2009, p.138).

O pronome possui uma definição clara e indiscutível, podendo atuar como adjetivo ao acompanhar um nome ou como substantivo ao substituir um nome. É uma classe gramatical variável, flexionando-se em gênero, número e pessoa, e divide-se em sete tipos principais: pessoais (retos e oblíquos), demonstrativos, possessivos, de tratamento, relativos, interrogativos e indefinidos. Abordar os pronomes foi fundamental para esclarecer algumas dúvidas dos discentes, auxiliando na comunicação, conferindo coesão ao texto e evitando o uso excessivo de palavras repetidas, o que torna a comunicação mais clara e fluente.

LITERATURA EM SALA DE AULA

Outra SD desenvolvida no programa que nos chamou a atenção foi baseada no método recepcional, inspirado nos estudos das autoras Bordini e Aguiar (1993). Nesta SD, trabalhamos a leitura do conto “A Dança dos Ossos”, do autor Bernardo Guimarães. A proposta foi elaborada sob a ótica do método recepcional, ou seja, seguindo as cinco etapas propostas por esse método. Ao final, solicitamos a produção de um diário de leitura ou caderno de leitura como atividade final. Essa foi a segunda SD aplicada no programa e foi planejada para as turmas do 2º ano do Ensino Médio integrado do IFPB, na cidade de Picuí, Paraíba, sendo toda a SD desenvolvida ao longo de cinco aulas com duração de 50 minutos cada.

O método recepcional se divide em cinco etapas: Determinação do horizonte de expectativas, Atendimento do horizonte de expectativas, Ruptura do horizonte de expectativas, Questionamento do horizonte de expectativas e Ampliação do horizonte de expectativas. Com base nessas etapas, desenvolvemos a Sequência Didática (SD), com o objetivo de incentivar o gosto pela leitura nos alunos. No primeiro momento, buscamos traçar o perfil dos alunos e sondar o nível de conhecimento prévio deles sobre a temática de “assombração” e sobre o autor do conto a ser lido. Para iniciar a aula, apresentamos a música “Retirantes”, de Dorival Caymmi, que foi tema da novela “Escrava Isaura”, esta inspirada na obra de Bernardo Guimarães. Essa abordagem nos permitiu introduzir o autor, suas obras e sua carreira literária. Em seguida, promovemos uma conversa informal para explorar o tema da “assombração”, fazendo questionamentos aos alunos e pedindo que relatassem alguma experiência pessoal relacionada ao tema. Nesta etapa, os alunos interagiram bastante, formamos um círculo, e eles compartilharam suas experiências, resultando em um momento bastante produtivo e participativo.

No segundo momento, nosso objetivo principal foi realizar a leitura integral do conto “A Dança dos Ossos”. Para isso, começamos apresentando o conto e, em seguida, iniciamos a leitura compartilhada do texto com os alunos. Em todas as turmas, organizamos círculos de leitura nos quais cada aluno tinha a oportunidade de ler um trecho do conto em voz alta. Inicialmente, planejamos realizar essa leitura ao longo de, pelo menos, duas aulas, mas, em algumas turmas, o tempo necessário acabou sendo maior, devido a fatores externos, como feriados, que interferiram no cronograma. Apesar disso, foi evidente o interesse dos alunos pela leitura, e conseguimos alcançar nosso objetivo principal de incentivar o gosto

pela leitura e abordar o estudo da literatura de forma prazerosa e completa.

O terceiro momento foi marcado pela ruptura e teve como objetivo o reconhecimento da temática em diferentes gêneros. Foi apresentada aos alunos uma reportagem da TV Jornal do Interior, intitulada “Pontilhão das Almas: Mistério de supostas assombrações tira o sossego do agreste de PE¹”. Após a exibição da reportagem, os alunos participaram de uma discussão sobre a temática abordada na reportagem, relacionando-a com o conto lido anteriormente. Durante essa atividade, os alunos expressaram suas opiniões e impressões sobre ambos os textos (reportagem e conto).

Na quarta etapa, o objetivo era continuar questionando, mantendo o propósito da terceira etapa. Foi apresentado aos alunos o videoclipe da música “Thriller”, de Michael Jackson. O intuito era mostrar o vídeo e a letra da música traduzida, refletindo com os alunos sobre toda a trama do videoclipe e percebendo as diferentes abordagens do tema de assombração nos diversos gêneros explorados nas aulas. Durante essa atividade, os alunos foram questionados sobre possíveis relações entre os textos (conto, reportagem e música) e quais aspectos os aproximavam ou distanciavam.

A última etapa foi pensada para ajudar os alunos a explorarem outros textos, especialmente outros contos que seriam trabalhados pela professora preceptora. A ampliação do horizonte de expectativas tinha o objetivo de aumentar o repertório de leitura e incentivar a produção de um caderno ou diário de leitura. No que diz respeito às atividades, foi feita apenas a sugestão da leitura dos contos da obra “Noite na Taverna”, de Álvares de Azevedo. A proposta incluía uma aula sobre o gênero diário de leitura, explicando e incentivando a leitura de outros textos. No entanto, devido a alguns imprevistos, não foi possível concluir completamente essa última etapa. No final, foi estabelecida uma relação entre o conto lido e o período literário ao qual pertencia, apresentando algumas considerações sobre a linguagem e as características presentes no conto que remetiam ao período romântico.

Desse modo, a proposta foi trabalhar a literatura de forma integral, e não apenas trazer os períodos literários de maneira historiográfica, mas, sim, incentivar a leitura e o gosto pela literatura. Pois, como afirmam Bordini e Aguiar (1993, p. 15), a variedade de significados na literatura oferece ao leitor uma total liberdade, algo que não se encontra em outros tipos de textos, e é essa liberdade que torna a leitura tão prazerosa, pois ela envolve e estimula completamente a consciência do leitor, permitindo que ele se liberte das restrições do dia a dia. E, com base nessa afirmação das autoras, pensamos justamente nessa liberdade e leitura prazerosa para aplicar o conteúdo literário que seria estudado.

TRABALHANDO O GÊNERO TEXTUAL

Outra SD que queremos destacar foi baseada na definição de sequências didáticas de Joaquim Dolz, Michele Noverraz e Bernard Schneuwly (2004) em seus estudos intitulados “Sequências didáticas para oralidade e escrita”. Esse modelo de SD segue a seguinte estrutura: apresentação da situação, produção inicial, módulo 1, 2 e 3 (podendo haver mais módulos, dependendo do conteúdo) e uma produção final. Este tipo de SD visa ao estudo do gênero textual e sua produção. Dessa forma, foi realizado o planejamento de seis aulas de 50 minutos para o 1º ano do ensino médio, focando no gênero textual “comentário”, com o objetivo de ensinar sobre o gênero, desenvolvendo a escrita e a produção desse tipo de texto.

No primeiro momento, buscamos, na internet, uma reportagem atualizada sobre o assunto que gerou bastante repercussão nas redes sociais: o transplante de coração de Fausto Silva. Após os alunos assistirem ao vídeo, realizamos uma análise da reportagem em conjunto com os alunos, questionando

1 A reportagem pode ser acessada pelo *link* do YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=q-KqQeXQHAo&t=169s>.

como desenvolver um comentário a partir dela. Em seguida, apresentamos um vídeo disponível no YouTube sobre criogenia, uma reportagem do Fantástico. Após assistir ao vídeo, propusemos aos alunos que elaborassem um comentário crítico, argumentativo e sintético em sala de aula, entregando uma primeira versão para ser corrigida pelas residentes e pela preceptora.

No terceiro momento, iniciamos o conteúdo sobre o parágrafo padrão com dois exemplos de textos: um poema (“Soneto de Fidelidade”, de Vinicius de Moraes) e uma crônica (“O Jeitinho Feminino”, de Edilson Rodrigues Silva). Utilizando slides, analisamos com os alunos a estrutura dos textos para identificar cada ponto e discutir. Exploramos o conceito da estrutura do parágrafo padrão, explicando o tópico frasal, desenvolvimento e tipos, além da conclusão. Concluimos essa parte resumindo todos os passos a serem seguidos para a construção de um parágrafo padrão.

Na quarta etapa, realizamos a análise de dois textos produzidos pelos próprios alunos: os comentários sobre a reportagem da criogenia. Focamos nos pontos em que tiveram mais dificuldades, como o tópico frasal, desenvolvimento e conclusão. Questionamos se o autor conseguiu fazer uma escrita adequada, o que poderia ser acrescentado ou retirado, se a ideia foi bem desenvolvida e se a conclusão foi concisa. Também avaliamos a estrutura textual do parágrafo, de acordo com o que foi estudado.

Para finalizar, aplicamos um pequeno exercício para verificar e aprofundar o entendimento do conteúdo abordado. Por fim, solicitamos que os alunos entregassem os textos feitos por eles para realizar uma reescrita com base em tudo que foi estudado ao longo das aulas.

REFLEXÃO SOBRE AS VIVÊNCIAS NO PRP

A partir deste momento, gostaríamos de trazer algumas reflexões e vivências durante o PRP. Reconhecemos que as experiências individuais de cada residente não serão totalmente relatadas, mas, sim, a experiência coletiva que, em muitos momentos, reflete os sentimentos de todas. Portanto, iniciaremos nossa reflexão abordando os pontos positivos e negativos do Programa, bem como os aspectos positivos e negativos de nossa experiência como docentes.

Começando pelos pontos positivos do Programa e da experiência, temos: a oportunidade de aprendizado prático, em que o PRP proporciona uma valiosa experiência prática no ambiente escolar, permitindo-nos aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos na formação acadêmica; integração com a comunidade escolar: estabelecemos laços com alunos, colegas professores e gestores da escola, contribuindo para uma melhor compreensão da realidade educacional do país; a troca de experiências com colegas: a interação com outros residentes nos permitiu compartilhar ideias, estratégias e desafios, enriquecendo nossa prática docente; desenvolvimento profissional: vivenciamos um crescimento significativo em nossas habilidades pedagógicas, aprendendo a planejar aulas, lidar com a diversidade dos alunos e avaliar o próprio desempenho; impacto na educação: contribuimos para o processo educacional dos alunos, inspirando-os e auxiliando em seu desenvolvimento acadêmico e pessoal; por fim, uma satisfação pessoal: a experiência de ensinar e ver o progresso dos alunos proporciona uma sensação gratificante e motivadora, além de a experiência trazer respostas se, de fato, queremos ou não exercer essa profissão.

Em relação aos pontos negativos, destacamos: carga horária exigente: em alguns momentos, a carga horária do programa pode ser desafiadora, conciliando as atividades da residência com outros compromissos acadêmicos e pessoais; desafios na adaptação: adaptar-se a um novo ambiente escolar e lidar com demandas diversas dos alunos e da instituição requerem tempo e habilidades específicas. Apesar disso, queremos focar na experiência como algo enriquecedor para nossa trajetória educacional, como discentes do curso de Letras e como futuras profissionais da educação. O Programa colabora

muito para o desenvolvimento dos discentes das licenciaturas e é uma vivência que todos os cursistas deveriam experimentar. No mais, essas reflexões abordam uma visão geral das experiências e desafios enfrentados durante o PRP e nossa jornada como docentes em formação. Cada experiência é única, e valorizamos as aprendizagens adquiridas ao longo desse percurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, como residentes e futuras docentes, tivemos a valiosa oportunidade de colocar em prática as teorias estudadas durante a graduação. A complementação entre teoria e prática foi fundamental para consolidar nossas ações satisfatoriamente em sala de aula. Os conhecimentos adquiridos na pesquisa de conteúdos, elaboração de aulas, atividades, provas, trabalhos, entre outros, foram de grande importância.

A Residência Pedagógica proporcionou a revisão e o aprofundamento nos conteúdos da Educação Básica, além das disciplinas específicas do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa. Também nos ofereceu habilidades e desenvolvimento necessários para atuar com eficiência em sala de aula. O Programa Residência Pedagógica certamente fortaleceu nossa formação teórico-prática, contribuindo para a construção da identidade profissional do professor e valorizando nossas primeiras experiências como futuros docentes, além de estimular a produção acadêmica.

Essa experiência foi concreta e enriquecedora, proporcionando uma imersão no mundo da licenciatura, o contato direto com os alunos e a elaboração de materiais para aplicação nas regências, momentos de grande aprendizado e crescimento profissional.

Destacamos o trabalho com as SDs como uma estratégia metodológica que proporciona, tanto ao docente como ao discente, o conhecimento de diferentes abordagens para um ensino-aprendizagem ativo e significativo, por valorizar o conhecimento prévio do aluno, como foi apresentado pelo Método Recepcional. Um aprendizado que estimula tanto a oralidade como a escrita, sem que o aluno se detenha apenas a conceitos prontos, incentivando a reflexão na busca por conhecimentos para uma resolução problematizadora, como podemos ver com a SD Parágrafo Padrão, que parte da escrita textual do próprio aluno. A SD consiste, ainda, em uma prática pedagógica que requer uma progressão entre as atividades e um ensino centrado nos alunos, como podemos observar com o estudo dos pronomes, no qual procuramos usar a gramática de forma contextualizada.

Cada SD tem suas particularidades, podendo ser mais curta ou longa; contudo, deve estar articulada ao propósito, sendo pensada a partir de uma necessidade encontrada e observada pelo docente em sua prática pedagógica, de forma gradativa e progressiva, para evitar atividades fragmentadas, mas também para não ser executada ou ministrada de forma engessada.

Sendo assim, o Programa nos proporcionou não apenas a prática pedagógica, mas também diversas oportunidades de formação complementar, como palestras, minicursos, apresentações de trabalhos acadêmicos e desenvolvimento da escrita acadêmica. Um aspecto significativo foi a extensão do tempo de imersão na vivência em sala de aula, em comparação com o Estágio Supervisionado tradicional da licenciatura. Além disso, o Programa nos levou a refletir sobre nossa escolha profissional como educadores. Após essa experiência enriquecedora, percebemos que saímos com uma bagagem acadêmica mais substancial do que a daqueles que não tiveram essa oportunidade. Esperamos participar de programas similares no futuro e contribuir para outros processos que promovam o ensino e a aprendizagem de futuros professores, como possíveis programas de formação continuada.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual, conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORDINI, M. G.; AGUIAR, V. T. **Literatura a formação do leitor**: alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. CAPES. **Edital 6**: Chamada Pública para apresentação de propostas no âmbito do Programa de Residência Pedagógica. 2018. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

Disponível em: https://cfp.ufcg.edu.br/portal/images/conteudo/PROGRAMA_RESIDENCIA_PEDAGOGICA/DOCUMENTOS_E_PUBLICACOES/01032018-Edital-6-2018-Residencia-pedagogica.pdf. Acesso em: 06 mar. 2024.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 82-83.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA. IFPB. **Edital PRE nº 40/2022, de 20 de setembro de 2022**. Edital de fluxo contínuo para a seleção de estudantes para os Programas Residência Pedagógica (PRP) e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/pre/editais/residencia-pedagogica/editais-2022/edital-pre-no-40-2022>. Acesso em: 06 mar. 2024.

ZABALA, A. **A Prática Educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA POR MEIO DE RELATOS VIVIDOS EM SALA DE AULA NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Escola-campo: ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL TÉCNICA PROFESSOR LORDÃO

Claudenice da Silva Souza
Professora Preceptora
clau909silva@gmail.com

Maria das Vitórias do Nascimento Lima
Residente PRP Polo PICUI
vivipicui2023@gmail.com

Wennir Bezerra Lira
Residente PRP Polo PICUI
wennir.lira@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende relatar algumas discussões acerca da variação linguística, que é tão presente no cotidiano dos falantes. Toda a abordagem discutida está voltada à experiência de duas bolsistas do Programa Residência Pedagógica (PRP), com o intuito de relatar sobre as intervenções e experiências construídas durante o 1º semestre de 2023 nas aulas de linguística na disciplina de Língua Portuguesa, em uma turma do 1º ano do ensino médio, ocorridas em uma escola da rede estadual de ensino. O PRP fortalece e aprofunda a formação teórico-prática de estudantes de cursos de licenciatura, contribuindo para a construção da identidade profissional docente dos licenciandos, procurando estabelecer corresponsabilidade entre instituições de ensino superior (IES), redes de ensino e escolas na formação inicial de professores.

A linguagem faz parte da convivência humana. Partindo desse pressuposto, este estudo traz uma reflexão com embasamentos vividos na prática, na qual encontramos um conceito de que a língua é mutável e, por isso, ela se adapta a diferentes realidades para que possibilitem o processo principal da língua, que é a comunicação. A comunicação é um forte elo que agrega as relações sociais e as vivências cotidianas. É preciso compreender que é através do conhecimento da variação da língua materna, presente na sociedade, que se abre um caminho para debate e também a possibilidade de aceitação das diferentes variações da língua. Por isso, é de extrema importância que os professores trabalhem em sala de aula essa temática, no intuito de que os alunos passem a enxergar com novos olhares essas diferenças.

Tendo em vista que, atualmente, é comum o falante misturar a linguagem não verbal na escrita ou utilizar a imagem para tratar com humor situações cotidianas em redes sociais ou na internet, é quase certo que a maioria das pessoas já tenham se deparado com situações comunicativas que demonstraram sotaques, gírias, ou pronúncias de palavras com sons diferentes. Essas diferenças são responsáveis pelo famoso preconceito linguístico, que, na maioria das vezes, é responsável pela exclusão social. Ser excluído socialmente porque fala um dialeto diferente ou com sotaque diferente causa prejuízos à vida de uma forma geral, podendo causar traumas, já que a pessoa começa a acreditar que ela fala errado.

Deste modo, no decorrer deste estudo, será mostrada e reafirmada a importância de reconhecer de que maneira os aspectos regionais influenciam na aprendizagem dos alunos. Além de apresentar

a importância da diversidade linguística da língua materna brasileira no processo comunicativo, possibilitar a identificação das influências regionais na comunicação e a promoção de um debate sobre o preconceito linguístico.

NÃO É FALAR ERRADO, É VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Antes da experiência de regência, passamos pela etapa de observação, e foi assustador ver como o preconceito linguístico é tão presente nos nossos dias, inclusive, dentro da própria escola. Uma palavra usada fora dos padrões formais da língua portuguesa vira motivo de chacota, gerando desconforto e até mesmo algo mais grave. Sabemos do uso das palavras e frases usados em diferentes ocasiões, pois o processo comunicativo ocorre utilizando diferentes contextos. Dessa forma, esses vocabulários variam para se adaptar às necessidades dos usuários da língua e se alcançar a comunicação. De acordo com Marcuschi (2003, p.14), “[...] contar piadas fora de lugar é um caso de inadequação ou violação de normas sociais relativas aos gêneros textuais [...]”. O autor afirma ainda:

[...] Isso quer dizer que não há só a questão da produção adequada do gênero, mas também um uso adequado. Esta não é uma questão de etiqueta social apenas, mas é um caso de adequação tipológica, que diz respeito à relação que deveria haver, na produção de cada gênero textual [...] (Marcuschi, 2003, p. 14).

Citamos o grande referencial de Marcuschi porque ele utiliza muito bem os exemplos dos gêneros textuais e suas adequações para o dia a dia. Assim é a língua, o vocabulário, as palavras: vão existir situações que necessitam de uma linguagem mais formal, assim como situações corriqueiras nas quais a comunicação existe, mesmo estando fora dos padrões da língua. Dentro desse contexto, em comum acordo com a professora preceptora, escolhemos trabalhar a variação linguística nas primeiras aulas de regência, com o intuito de mostrar um novo mundo aos alunos, tentando fazer com que eles compreendessem que, ao estudar as diferenças na variação da língua, por meio das palavras, irão conseguir se comunicar em diversas situações, desde as mais corriqueiras até as que exigem maiores habilidades linguísticas, porém sem discriminação e preconceito, procurando priorizar a comunicação.

Com esses esclarecimentos, é preciso que o trabalho com variação linguística em sala de aula seja efetivo, tornando-se fundamental para que os alunos compreendam a sua importância para o processo comunicativo, para a manutenção e para o desenvolvimento dos falantes oriundos de comunidades que possuem essas peculiaridades na fala. E, mais ainda, incentivar o respeito a essas variedades, como um papel de formação cidadã. De acordo com Bortoni-Ricardo *apud* Ibiapina:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade (Bortoni-Ricardo *apud* Ibiapina, 2005, p. 15).

Nas orientações atuais, defendidas pelas OCEM (Orientações Curriculares para o Ensino Médio), a base conceitual é o interacionismo pelo qual o homem se constitui sujeito pela linguagem e também é capaz de refletir sobre si mesmo, encontrando significados, interagindo com outros seres sociais e ressignificando a si e ao mundo do qual faz parte. Pela concepção interacionista, o ser/sujeito constrói suas representações simbólicas do mundo pela relação intersubjetiva e coletiva, em situações diversas, inclusive variações de uso da língua e linguagem. Partindo disso, iniciamos nossas aulas.

As aulas começaram precisamente no dia 24 de maio de 2023, na turma do 1º Ano C, abordando o

conteúdo sobre Preconceito Linguístico e variações linguísticas. As aulas foram expositivas e dialogadas com discussões que, por sinal, foram muito positivas, seguidas de atividades com exercícios para fixação dos conteúdos e reflexão sobre eles. O primeiro momento constituiu-se de mostrar aos alunos que a língua é um conjunto de signos e representações simbólicas que dependem da ação cognitiva do sujeito e que demandam interação social, ou seja, comunicação. Usamos alguns slides com imagens comunicativas para criar um contexto para nosso objetivo. O tema foi muito aceito pelos alunos, e a pergunta que mais exalou na sala foi: “Vocês vão ensinar falar certo?”. Ficamos apreensivas por saber que esse era o nível da turma, pois teríamos uma missão desafiadora e que nos levaria a um amplo leque de discussões, porém sabíamos que, se conseguíssemos flexibilizar pelo menos metade daqueles pensamentos, a missão estaria cumprida. Um método simples e que fez muita diferença na aula foi a explicação do quadro abaixo.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Variação Regional – ocorre entre as falas dos habitantes de diferentes regiões do país, do Estado e das cidades.	Ex.: Jerimum – abóbora; Racha – pelada – jogo de futebol; campo santo – cemitério; umborimbora? – Vamos embora?; etc.
Variação Social – entre classes sociais. Elas podem ser em nível fonológico ou morfossintático.	Ex.: Fonológicos - “prantar”, “bão”, “pobrema”, “bicicreta”; Morfossintáticos - “dez real”; “eu vi ela” (“eu a vi”); “eu truci”, “a gente fumo”.
Variação Estilística – tem a ver com o grau de formalidade, podendo variar entre uma linguagem formal ou uma informal.	Ex.: Linguagem formal: palestras, congressos, reuniões empresariais, etc. Linguagem informal: reuniões familiares, encontro com amigos, etc; Gíria: utilizada por determinado grupo social, diferenciado-o dos demais. Ex.: skatistas, surfistas, rappers, etc.); Jargão: utilizada dentro de grupos profissionais. Ex.: professores, médicos, advogados, etc.

Utilizamos o quadro para uma exposição mais formal, explicando o contexto concreto da variação, porém também tivemos a preocupação de tratar das questões que fazem referência às pessoas que não tiveram ou não têm acesso à educação e, assim, permanecem analfabetas, sem conhecimento da linguagem formal e da escrita, comunicando-se de acordo com o meio social em que vivem. Nesse contexto, não poderíamos deixar de citar as pessoas que viveram ou vivem na zona rural, pois geralmente são vítimas de preconceito linguístico. Esse momento abriu um leque de discussões, a maioria dos alunos tinham relatos a contar, alguns, de seus pais, avós, tios e até deles mesmos, alegando que, por conviverem naquele meio, algumas palavras viraram costumes, e o hábito de falar palavras como: “imbigo, mindigo, adevogado, célebro, barrer, brusa, paiaço, ingual, árvre”... tornou-se motivo de muita exclusão e desprezo.

Usamos algumas referências para reiterar nossos argumentos entre eles Camacho (2011, p.41) que afirma:

A diversidade linguística não se restringe a determinações motivadas pela origem sociocultural e geográfica do falante. Um mesmo indivíduo pode optar por diferentes formas linguísticas de acordo com a variação das circunstâncias que cercam a interação verbal, incluindo o contexto social, propriamente dito, o assunto tratado, a identidade social do interlocutor etc.

Desta forma, seguimos uma sequência com 6 aulas, quando os alunos já compreendiam e faziam referências de que a língua é um sistema heterogêneo que está sempre evoluindo, e essas evoluções são as

variações linguísticas que ocorrem devido aos fatores geográficos, políticos, de escolaridade, religiosos, dentre outros. Seguindo essa perspectiva, aplicamos algumas atividades impressas, utilizando questões do português formal e informal para que os alunos desenvolvessem seus pontos de conhecimento e adquirissem propriedade sobre o assunto. Por meio das atividades, ficou evidente a compreensão deles sobre o fato de as variações linguísticas carregarem histórias e culturas que caracterizam e representam a identidade. Para finalizar a aula, realizamos uma dinâmica cujo objetivo foi elencar algumas variações linguísticas do nosso país. A dinâmica continha o mapa das regiões do Brasil com algumas variações linguísticas de cada uma delas, e os alunos teriam que adivinhar de qual região as variações faziam parte. Cada variação era colada ao lado do mapa colado no quadro. Ou seja, o professor sorteava uma palavra, o aluno se dirigia ao quadro branco e marcava a região na qual a palavra poderia ser originada.

Os alunos foram bastante participativos e interagiram durante as aulas e atividades. É de extrema importância a elaboração de aulas como essas, pois são pautadas na possibilidade de um tipo de aprendizagem que parte da interação e das demandas e necessidades dos próprios alunos, além de mostrar que o ambiente escolar é um espaço formado por diversidades culturais, históricas e linguísticas e que, nesse espaço, precisamos entender e respeitar essas diversidades, desmistificando o preconceito na vida acadêmica e pessoal, aceitando a ideia de que não existe “falar correto, ou errado”, mas uma linguagem padrão do português e uma linguagem não padrão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essas aulas, concluímos que os alunos conseguiram compreender que a língua é viva e se adapta a diferentes realidades e culturas para atender todas as demandas linguísticas, permitindo que as pessoas se comuniquem e vivam em comunidades. O intuito de amadurecer alguns pensamentos foi alcançado, e os alunos conseguiram entender que muitas comunidades, principalmente as distantes dos grandes centros, têm tendência a utilizar uma linguagem com características próprias. Nesse estilo, eles criam seus filhos, netos, transmitindo de geração em geração essa cultura, e, dependendo do nível escolar desses familiares, muitas palavras tendem a ser pronunciadas de forma diferente da norma culta padrão, podendo ocasionar a estranheza para muitos ouvintes.

Portanto, podemos concluir que essa experiência foi de extrema importância para nossas vidas, pois, como acadêmicas, tivemos a oportunidade de contribuir no ensino, além de toda a experiência adquirida. A vivência de estar na escola, seguir os planos e desenvolver sequências didáticas teve grande importância para nossa formação porque nos mostrou o mundo prático de tudo aquilo que estudamos um pouco na teoria. Nossa gratidão ao PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA (PRP) por ter nos permitido construir parte da nossa carreira profissional antes mesmo do fim da licenciatura. Investir em educação é investir na vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio:** Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEMTEC, 2006.

CAMACHO, R. G. Norma Culta e Variedades Linguísticas. *In*: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação:** formação de professores didáticos geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 34-49, v. 11.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais:** definição e funcionalidade. Disponível em: https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcuschi_G%C3%AAneros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf. Acesso em: 22 jan. 2024.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Êzio Alves da Silva Nascimento
eziofozy@gmail.com

Francisca Diniz Gonçalves de Macedo
francisca.macedo@academico.ifpb.edu.br

Louana Kely Araújo Barros
louana.kely@academico.ifpb.edu.br

INTRODUÇÃO

Durante o período acadêmico, o discente tem a oportunidade de estudar vários teóricos que influenciaram e ainda influenciam as suas respectivas áreas de atuação, o que faz com que sua carga de conhecimento adquirido se torne rico e diversificado. Porém, a relação teoria-prática é de suma importância para a completa formação do graduando. Em se tratando de licenciaturas, a vivência dentro de uma instituição de ensino faz com que o discente assuma o papel de professor e, com isso, tenha boa parte das responsabilidades que se espera deste profissional: preparação de material didático, organização de aulas, reuniões de pais e/ou professores, aplicação e correção de atividades, etc. Esta teoria, na prática, torna o graduando muito mais preparado para a sua futura vida como docente.

De acordo como as autoras Ferreira e Rosa (2012), cada ambiente de formação de pessoas, em especial a escolar, é composta por uma diversidade de protagonistas que têm pensamentos e ações diferenciadas no cotidiano. E, dessa forma, as práticas cotidianas que são inseridas no dia a dia tornam única cada unidade de ensino. Os residentes têm a oportunidade de vivenciar a realidade escolar, tanto como educador e também como membro da comunidade escolar, possibilitando conhecer a escola como um todo.

Para auxiliar esta etapa de experiência, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) criou o Programa de Residência Pedagógica (PRP) que:

[...] tem por finalidade fomentar projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura (Brasil, 2018).

Alguns dos objetivos deste programa envolvem “[...] fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática”, ajudar na “construção da identidade profissional” e preparar os “licenciandos para a sua futura atuação profissional” (Brasil, 2018). Este programa possui: 1º) Residentes, ou seja, os alunos de graduação que irão realizar a residência em alguma instituição de ensino, 2º) Coordenador Institucional, que é o responsável pela execução do projeto institucional do programa, 3º) Docente Orientador, que planeja e orienta as atividades dos residentes e o 4º) Preceptor, que é o professor da escola na qual os residentes farão a residência. Sua responsabilidade será acompanhar e orientar os residentes nas atividades dentro da escola-campo.

Este artigo objetiva apresentar a experiência adquirida em sala de aula pelos residentes do Curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa, oferecido pelo Instituto Federal

de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) durante o período de sua atuação no Programa Residência Pedagógica desenvolvida na escola-campo Escola Cidadã Integral Técnica Professor Lordão em Picuí, Paraíba. Este relato conta com a exposição de algumas atividades realizadas em sala que culminaram na realização de um Sarau Literário com as turmas do 1º ano do ensino médio, durante o final do ano letivo de 2023.

DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento da atuação dos residentes na escola-campo deu-se em algumas etapas, a saber: fase de observação, regência, avaliação e reflexão. A seguir, explicar-se-á sobre cada uma delas.

Fase de Observação: Aprendendo com a Prática

Nas primeiras semanas, os residentes mergulharam na rotina escolar como observadores atentos, assistindo a uma variedade de aulas, abrangendo as aulas da disciplina de Língua Portuguesa, ministradas pela professora preceptora. Essa imersão permitiu que os residentes pudessem absorver diferentes abordagens pedagógicas, técnicas de ensino, estratégias de gestão de sala de aula e também conhecer a turma na qual iriam lecionar. Cada aula observada foi uma oportunidade de aprendizado, oportunidades nas quais se fizeram anotações detalhadas sobre o planejamento, a execução e a interação em sala de aula.

Regência: Colocando em Prática o Aprendizado

Após a fase de observação, chegou o momento de os residentes assumirem a responsabilidade da regência de aulas. Sob a supervisão atenta da professora preceptora da escola, planejou-se em conjunto a sequência didática e escolheram-se as turmas nas quais os residentes dariam as aulas. Essa fase foi desafiadora, porém extremamente gratificante. Foram elaborados planos de aula detalhados, considerando objetivos de aprendizagem, métodos de ensino e estratégias de avaliação. Durante o período do programa, os residentes enfrentaram desafios diversos, como, por exemplo: gerir o tempo, conciliar a vida pessoal e profissional com a de residente, motivar os alunos nas aulas e a adaptação do plano de aula, conforme as necessidades surgissem.

Avaliação e Reflexão: Crescimento Profissional e Pessoal

Durante as várias reuniões realizadas com a coordenadora do programa da instituição na qual os residentes eram graduandos, foi possível avaliar coletivamente a experiência de cada um. Compartilharam-se vivências, desafios e aprendizados, identificando pontos fortes e áreas de melhoria. A troca de experiências entre os membros do grupo foi enriquecedora, proporcionando diferentes perspectivas e estratégias para enfrentar os desafios do ensino. Estabeleceram-se metas individuais e coletivas para o crescimento dos residentes como educadores, conscientes da importância da contínua reflexão e do aprimoramento profissional.

O ponto alto da residência pedagógica – o Sarau Literário

Uma das competências gerais da educação base de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é:

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais (...) participar de

práticas diversificadas da produção artístico-cultural; Utilizar diferentes linguagens (...) bem como conhecimentos das linguagens artística (...) para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (BNCC, 2018, p. 9).

Este mesmo documento oficial apresenta como competências específicas para a área de Linguagens e suas tecnologias para o Ensino Médio:

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais [...] e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos [...] Compreender os processos de produção e negociação de sentidos [...] Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais (BNCC, 2018, p. 490).

Baseando-se neste documento oficial, os residentes, juntamente com a professora preceptora da escola-campo, elaboraram uma sequência didática que objetivava permitir que os discentes – os quais cursam o 1º ano do ensino médio – entrassem em contato e compreendessem a arte como forma de expressão e manifestação artística que reflete a realidade de diferentes grupos sociais. Concomitantemente a isso, escolheram-se os conteúdos de língua portuguesa a serem contemplados nesta sequência didática, a saber, verbos e substantivos.

A sequência didática é definida como “[...] um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito [...]” (Dolz, 2004, p. 96). Sendo assim, o intuito da sequência elaborada pelos residentes foi apresentar algumas obras literárias e músicas de autores regionais com o objetivo de mostrar alguns exemplos do que eles poderão desenvolver durante o Sarau Literário e também de fazer com que os alunos tenham conhecimento de escritores regionais, pois estes abordam sobre a cultura e as demais características da região Nordeste, e, de certa forma, esta é uma maneira de valorizar e levantar a história desta.

Para a realização do Sarau Literário, pediu-se que os alunos se dividissem em grupos e buscassem algum texto com o qual eles mais se identificassem e que fosse mais próximo de sua realidade, tal qual os autores observados em sala fizeram. Além disso, foi feito todo um planejamento entre os residentes e a professora preceptora, para a realização do sarau. Depois da autorização da gestora da escola, a data e o local foram decididos. Então, nos quatros dias que antecederam a realização do sarau, os residentes, a preceptora e também alguns alunos que quiseram ajudar começaram a trabalhar com a organização: confecção de adereços para a ornamentação do local, arrecadação de alguns brindes para realizar um sorteio entre os alunos no dia do sarau, tendo sido também decidido com as turmas um lanche, para o qual os alunos poderiam contribuir com algum alimento.

O Sarau Literário foi realizado nos dias 6 e 7 de novembro de 2023 no auditório da própria escola. Durante este momento, os alunos puderam apresentar poemas, músicas e até mesmo a interpretação teatral de um filme. Cada grupo, ao final de sua apresentação, comentou os motivos de suas escolhas textuais. Neste momento ímpar, pôde-se perceber várias características dos alunos que não eram percebidas em sala, como, por exemplo, o gosto de alguns por tocar instrumentos musicais e a habilidade de realizar uma atuação teatral. Ao final do sarau, os alunos que participaram receberam, além da nota avaliativa, também um certificado de participação, assinado pela gestora e a professora. Diante disso, espera-se que este evento sirva como inspiração para futuras iniciativas que busquem promover a valorização da arte, da cultura e, sobretudo, da individualidade dos alunos. Que possamos continuar explorando e celebrando a diversidade que nos cerca, construindo, assim, uma comunidade escolar ainda mais inclusiva e acolhedora.

Este momento extraclasse mostrou-nos a importância de conhecer as particularidades e gostos de cada um dos discentes, pois cada um tem sua própria história, e que o esforço em conhecê-los pode – e muito – ajudar na elaboração de novas Sequências Didáticas que possam abranger essas particularidades, tornando a disciplina de Língua Portuguesa mais atrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os graduandos dos cursos de licenciatura, naturalmente, têm um contato majoritário tanto com a teoria como também com os pensamentos dos teóricos da educação, mas, com relação à prática, podem surgir algumas perguntas, como, por exemplo: como será quando estivermos à frente em uma sala de aula? Qual a melhor forma de abordar os conteúdos? Como fazer na prática os planos de aulas? Como resolver os problemas e conflitos que venham a acontecer? Como administrar bem uma turma de alunos? São muitas perguntas que podem surgir ao longo do curso, e não haverá respostas satisfatórias enquanto estiverem apenas munidos da teoria. Quando surge uma oportunidade para participar de um programa no qual algumas respostas podem ser obtidas e pode-se adquirir a experiência de prática em sala de aula, não restam dúvidas de que ela veio como uma ótima ferramenta de formação docente.

Com toda a certeza, os objetivos do Programa de Residência Pedagógica, de contribuir com a formação inicial de professores, ajudar na construção da identidade docente e também a preparação para uma futura atuação profissional, foram atingidos satisfatoriamente, pois, como foi expresso neste relato, durante o período do programa, os residentes puderam ver, na prática, o funcionamento de uma escola, participar na elaboração de atividades e também desenvolver e amadurecer sua identidade como professor. Para aqueles que estão em sua primeira graduação e nunca lecionaram em sala de aula, a Residência Pedagógica é um instrumento essencial para a sua formação, tornando-os melhores preparados para a docência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa de residência pedagógica**. 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acesso em: 26 fev. 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

DOLZ, J. *et al.* Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

FERREIRA, A. T. B.; ROSA, E. C. S. (org.) **O fazer cotidiano na sala de aula**: A organização do trabalho pedagógico no ensino da língua materna. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO 1º FESTIVAL DE ARTE PRETA, REALIZADO PELA EMEF ANA MARIA GOMES

Edzarlla Freire Ramalho
edzarlla.freire@academico.ifpb.edu.br

Elizete da Silva Souza
elizete.silva@academico.ifpb.edu.br

Jailson Borges de Assunção
jailson.borges@academico.ifpb.edu.br

Josicleide Ferreira da Silva Azevedo
josicleide.ferreira@academico.ifpb.edu.br

Lucicleia Lima de Souza
lucicleia.lima@academico.ifpb.edu.br

Marcos Antônio de Farias Dantas
EMEF Ana Maria Gomes
marcosantonio@edu.picui.pb.gov.br

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência apresenta a vivência de acadêmicos do curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa do IFPB campus Picuí, Paraíba, vivenciado em um Programa de Residência Pedagógica (PRP), financiado pela CAPES. O presente relato está centrado na participação destes alunos durante o 1º Festival de Arte Preta, realizado pela EMEF Ana Maria Gomes.

A EMEF Ana Maria Gomes realizou, no dia 29 de novembro de 2023, o primeiro Festival de Arte Preta. O evento é parte da culminância das atividades realizadas na X Semana Municipal de Leitura, que aconteceu no período de 20 a 24 de novembro de 2023. A participação dos alunos abrilhantou o evento por meio da dança, das apresentações teatrais, da declamação de poemas, da exposição de telas e trabalhos, além das salas temáticas e da culinária. A participação do grupo de capoeira “Cordão de Ouro” gerou animação e empolgação tanto da classe estudantil quanto do corpo docente, embelezando ainda mais o evento.

Ações que abracem a cultura negra tornam-se essenciais nas escolas para que os alunos possam conhecer suas origens e reconhecer a importância deste movimento, que, além de criar esta sensação de pertencimento, gera, no espaço escolar, um ambiente de conhecimento e representatividade (Melo, 2019), onde os alunos podem imergir durante todo o período nesta cultura tão rica em história e pluralidade, vivenciando, assim, as dores e os amores, por meio do teatro e da poesia; o ódio e o preconceito, por meio da dança e da pintura, e isto é de uma importância cultural imensurável, podendo contribuir significativamente para a diminuição do *bullying* e do preconceito que hoje é tão presente nas escolas de modo geral. Valorizar e conhecer a nossa história nos tornam parte dela. Difundi-la para o mundo faz com que divulguemos a nós mesmos, pois o mudo precisa conhecer nossos escritores negros e nossos autores – escondê-los seria um sacrilégio com a nossa cultura e com a nossa gente, que tanto lutou e luta para ser vista e reconhecida como um povo de valor acadêmico não mencionado nos livros didáticos, esquecidos pelos que acreditam que podem apagar a luta de um povo que não tem medo de lutar, pois não conhece outro termo que não seja a luta.

Esse relato tem o objetivo geral de descrever as vivências de cinco residentes durante suas participações no I Festival de Arte Preta no Programa Residência Pedagógica, com o intuito de refletir sobre a prática docente. E como objetivos específicos: relatar as atividades desenvolvidas no Programa Residência Pedagógica, durante o I Festival de Arte Preta da EMEF Ana Maria Gomes, bem como debater sobre o processo de formação docente e importância do PRP.

DESENVOLVIMENTO

A Lei nº 10.639, de 2003, altera a LDB e obriga o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira no ensino fundamental e médio (Brasil, 2003). A leitura dessa literatura é importante para a divulgação/valorização do legado cultural africano desde o século XVI, pois, além de ampliar o pouco conhecimento da cultura africana, sugere um novo olhar sobre a história africana e afro-brasileira e suas possíveis relações com o percurso histórico-cultural brasileiro. A literatura afro-brasileira nas escolas é complexa e abrange diversos aspectos educacionais, culturais e sociais. Ela oferece uma visão mais ampla da diversidade étnica e cultural do Brasil, permitindo que os alunos afrodescendentes vejam os reflexos das histórias e personagens que estudam. A inclusão da literatura afro-brasileira nas escolas não apenas satisfaz a necessidade de representação, mas também desempenha um papel crucial na promoção da igualdade, na desconstrução de preconceitos e na formação de cidadãos conscientes e engajados socialmente (Pereira, 2021).

A X edição da semana da leitura foi realizada de 20 a 24 de novembro de 2023 e traz o tema “Histórias que celebram raízes: a literatura afro-brasileira em foco”. Este é um evento realizado pela prefeitura Municipal de Picuí, Paraíba, em parceria com todas as escolas municipais e tem o objetivo de promover o incentivo à leitura. A semana da leitura conta com uma vasta programação que vai desde lançamento do livro até apresentações culturais realizadas pelas escolas da rede municipal de ensino (Salusto, 2023). Como parte desta programação, a EMEF Ana Maria Gomes criou o I Festival de Arte Preta, cujo objetivo foi divulgar e fomentar a cultura afro-brasileira com todo o seu alunado. O festival contou com uma vasta programação durante toda a semana. Os alunos tiveram acesso à cultura afro por meio da interdisciplinaridade, uma vez que as práticas interdisciplinares tendem a buscar um conhecimento único, no qual a integração das disciplinas e a relação delas com a realidade do aluno tornam o conhecimento dinâmico sob o ponto de vista da aprendizagem (Carlos, 2007). A Cultura Afro-Brasileira e Africana podem ser estudadas em diferentes áreas do conhecimento, mesmo que a Lei nº 10.639/03 só exija História, Arte e Língua Portuguesa. Isso pode ajudar a ensinar e aprender melhor.

No dia 18 de novembro de 2023, foi realizada uma reunião por meio do *Google Meet*, com o professor de Língua Portuguesa e preceptor Marcos Antônio de Farias Dantas e todos os residentes, na qual nos foi informado que a EMEF Ana Maria Gomes iria realizar o I Festival de Arte Preta como culminância da semana da leitura. Durante toda a semana, o tema Afro iria ser trabalhado pelos professores em sala de aula. Neste momento, foi nos colocado que deveríamos desenvolver um plano de aula para que pudéssemos trabalhar o tema durante a regência do PRP. No ato da reunião, o preceptor ofereceu algumas sugestões do que poderíamos trabalhar durante a semana, a exemplo de músicas, danças, poemas, poesias, teatros, etc. E, a partir desses pontos, começamos a nos organizar para a realização de ações durante o evento. O grupo, composto por cinco residentes, decidiu que seria mais viável trabalhar em dupla e uma individual por conta dos horários e demandas pessoais.

A primeira dupla de residentes, integrada por Jailson Borges de Assunção e Edzarlla Freire Ramalho, trabalhou a correção de exercícios em uma turma durante o 1º horário, pois as atividades referentes ao I Festival de Cultura Preta só teriam início a partir das 8 horas e 30 minutos. Durante o 1º horário, na turma do 8º ano A, foi concluída a correção do exercício de fixação, valendo 5 pontos para somar com a nota

da prova a ser realizada na semana seguinte. Foi realizada a correção da questão 4, que consistia em sublinhar as partes das frases nas quais estava implícita a circunstância expressa pelo adjunto adverbial (tempo, modo, finalidade, causa...), essa foi a última questão. Durante a correção, os alunos aproveitaram para tirar dúvidas sobre adjunto adverbial e consolidar melhor o assunto da atividade avaliativa que estava por vir.

A partir do 2º horário, dirigimo-nos para a turma do 9º ano A, a qual estava nos últimos preparativos para a finalização dos materiais a serem expostos no pátio da escola. Alguns estavam ensaiando para as apresentações de cartazes, declamação de poemas, apresentações de danças e teatro enfatizando a questão da representatividade negra nos vários campos de atuação e da educação, em alusão à data 20 de novembro sobre o dia da Consciência Negra. Por essa razão, não houve aula tradicional nesse dia. Decidimos ajudar os alunos na organização dos trabalhos e dar dicas de como eles deveriam apresentar suas produções, dicas estas relacionadas a postura e exploração das habilidades de oratória dos alunos. Nós também produzimos dois cartazes utilizados como atividade de interpretação, compreensão e reflexão por parte dos alunos em relação à cultura negra. Os cartazes ficariam em exposição durante a programação das atividades culturais do evento. Tratava-se de dois cartazes: um contendo um poema de Carolina Maria de Jesus, intitulado “Todos fogem ao me ver”, e um contendo o fragmento de um texto do livro “Diálogos feministas antirracistas (e nada fáceis com as crianças)”, de autoria de Bianca Santana. A programação do I Festival de Cultura Preta iniciou-se às 8 horas e 30 minutos e se estendeu até as 11 horas e 30 minutos, mas também houve programação durante o turno da tarde.

Um caso em especial chamou bastante a nossa atenção: alguns dias antes da realização do I Festival de Cultura Preta, uma aluna da turma do 8º ano A, que havia produzido uma belíssima pintura representando as duas faces da mulher negra escravizada, demonstrou insegurança em querer apresentar sua obra. A aluna se mostrou tímida a princípio, parecia estar um pouco perdida sobre como faria a apresentação de seu trabalho. Estava preocupada e nos confidenciou que o professor de Artes queria que ela falasse diante de toda a escola sobre a sua produção. Para tal, a aluna estava tentando decorar um pequeno texto sobre as características de sua pintura, tendo em vista o seu valor sócio-histórico, cultural e humano. A aluna temia não conseguir assimilar aquele pequeno texto para falar em sua apresentação, alegando que o professor de artes estava cobrando muito dela em comparação aos outros alunos que também iriam apresentar seus trabalhos. Então, tentamos acalmá-la, fazendo-a refletir um pouco sobre as aptidões e capacidades que ela tinha. Falamos que o fato de o professor de artes “cobrar” mais dela é porque ele sabia o potencial que ela tinha e acreditava no sucesso e desenvoltura de sua educanda. Aconselhamos a aluna que, como forma de estudo, ela poderia realizar a gravações de seus ensaios, lendo o texto em voz alta e depois ouvindo quantas vezes fossem necessárias, para que ela pudesse fixar melhor as ideias e pontos importantes daquele texto sobre o seu próprio trabalho. Comentamos, inclusive, com o professor preceptor Marcos Antônio, sobre as inseguranças desta aluna, para que ele também pudesse auxiliá-la. Para nós, enquanto futuros docentes, essa foi uma experiência ímpar: poder aconselhar uma aluna, percebendo as suas inseguranças e fragilidades e, ao mesmo tempo, apoiando-a para que sua apresentação fosse realizada da melhor forma possível.

Figura 1 – Mural com os trabalhos dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ana Maria Gomes, Picuí-PB



Fonte: Ramalho, 2023

Figura 2 – Pintura elaborada por uma aluna da turma do 8º ano A



Fonte: Ramalho, 2023.

No decorrer deste período, em comemoração ao 1º Festival da Arte Preta, a segunda dupla, composta por Lucicleia Lima de Souza e Josicleide Ferreira da Silva Azevedo, resolveu desenvolver um plano de aula para o evento em homenagem ao mês da Consciência Negra, visando trabalhar com as turmas dos 8º ano e as turmas do 9º ano, explorando as letras das músicas “Olhos Coloridos”, da cantora Sandra de Sá, e “A Mão da Limpeza”, de Gilberto Gil, refletindo sobre a letra das canções, que transmitia a importância do contexto e a biografia da escritora Carolina Maria de Jesus. Destacamos que esta ação é dedicada à escritora, desencadeando uma série de atividades que não apenas ressaltaram a riqueza cultural do tema, mas também promoveram a participação ativa e o protagonismo dos alunos.

Diante desse cenário, uma parte significativa da aula foi dedicada à análise da biografia da escritora Carolina Maria de Jesus, com o propósito de aprofundar o entendimento sobre sua vida e obra. Enfatizamos seus escritos e contribuições literárias, prestando homenagem à autora por meio da proposição de atividades específicas com objetivo de promover uma compreensão mais profunda de seu legado. É importante ressaltar que esta aula foi trabalhada com a turma do 9º ano C. Nesta aula, exploramos o gênero literário: a biografia da escritora Carolina Maria de Jesus, compartilhando com os alunos sua vida, obra e detalhes significativos de sua trajetória literária. E, ao finalizarmos esta etapa, sugerimos uma atividade prática avaliativa para a qual cada aluno elaborou cartazes, abordando vários elementos relacionados à vida e às criações da autora, englobando sua biografia, poemas, versos, canções e citações. O resultado desse empenho culminou em uma exposição dos trabalhos confeccionados pela turma, em homenagem à escritora Carolina Maria de Jesus.

Carolina Maria de Jesus, nascida em 1914 em Sacramento, Minas Gerais, e falecida em 1977 em São Paulo, foi uma escritora brasileira que enfrentou uma vida permeada pela pobreza extrema. Seu destaque deve-se, sobretudo, ao impacto de sua obra mais proeminente, “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada”, lançado em 1960. Carolina, criada em condições desafiadoras, teve sua vida transformada quando o jornalista Audálio Dantas percebeu o valor de seus diários e se envolveu no projeto de transformá-los em livro. O sucesso de “Quarto de Despejo” transcendeu fronteiras, recebendo reconhecimento tanto nacional quanto internacional. O livro não apenas revelou as lutas pessoais de Carolina, mas também proporcionou uma profunda reflexão sobre as complexas questões sociais e econômicas da época, destacando a desigualdade e as dificuldades enfrentadas pelos habitantes de favelas. Na narrativa, Carolina se tornou um testemunho impactante da realidade da vida nas periferias

urbanas, oferecendo uma voz poderosa às camadas marginalizadas da sociedade.

Destacamos que, em reconhecimento à importância de seu legado, foi montada uma Sala Literária, ornamentada pela turma do 9º ano C com fotografias da escritora, declamação de poemas, versos e cartazes confeccionados pelos alunos. Para assegurar o bom funcionamento da sala, quatro alunos foram designados para tarefas específicas: controle de entrada e saída, coordenação da mesa redonda sobre a exposição e coleta de assinaturas, registrando o número expressivo de visitantes, composto por alunos e funcionários daquela instituição. A participação ativa dos alunos na exposição literária, destacando a obra da escritora Carolina Maria de Jesus, elevou significativamente a qualidade da sala literária. Os alunos desempenharam um papel fundamental na transmissão das emoções contidas nos versos, proporcionando uma experiência única e envolvente para colegas de classe e visitantes. A expressividade e a entrega dos alunos cativaram a audiência, tornando-os verdadeiros protagonistas na disseminação do conhecimento e na celebração da diversidade literária.

O protagonismo dos (as) adolescentes pressupõe uma relação dinâmica entre formação, conhecimento, participação, responsabilização e criatividade como mecanismo de fortalecimento da perspectiva de educar para a cidadania, levando-se em conta que o desenvolvimento permanente faz parte da condição de sujeito, sem perder de vista que a pessoa é uma realidade em processo, imersa em seu tempo, no seu cotidiano e na história, pré-requisito para o desempenho autônomo na sociedade (Silva, 2009, p.3).

Silva (2009) destaca que o aluno protagonista está em desenvolvimento permanente, uma característica fundamental para que ele exerça um papel autônomo na sociedade. No entanto, ao declamarem as poesias, os discentes não apenas enriqueceram a compreensão coletiva da obra, mas também evidenciaram o poder transformador da educação, destacando o potencial individual de cada um. Essa experiência fortaleceu o elo entre os educandos e a obra estudada, consolidando a proposta pedagógica de envolvê-los como agentes ativos na construção do conhecimento. Sendo assim, destacamos a importância da relação entre professor e aluno, ressaltando a adaptação de estratégias pedagógicas às necessidades específicas dos alunos. No âmbito dos pontos positivos, destacamos o apoio crucial do preceptor, professor Marcos Dantas, e a participação ativa dos alunos em atividades literárias.

Esse envolvimento não apenas demonstrou habilidades, como também ativou o protagonismo individual, tornando a experiência gratificante. Em relação aos pontos negativos, ressaltamos a escassez de material e o curto intervalo de tempo para a organização das atividades para o evento, gerando desafios. Acreditamos que poucas críticas podem ser feitas no contexto geral. Diante dos desafios enfrentados, no final, tudo transcorreu de maneira exitosa. Essa vivência foi de suma importância para nossa formação acadêmica, sendo uma oportunidade valiosa para desenvolver habilidades pedagógicas, enfrentar desafios e consolidar o entendimento da importância do envolvimento ativo dos alunos. Agradecemos sinceramente por essa experiência enriquecedora, que contribuiu significativamente para nosso crescimento profissional e pessoal.

A residente Elizete da Silva Souza analisou o poema “Me gritaram negra”, de Victoria Santa Cruz, uma peruana, poeta, compositora e coreógrafa, que ficou muito conhecida por chamar a atenção para a história, cultura e questões sociais do negro no Peru e no restante da América Latina. Victoria, nascida em 1922, iniciou sua carreira como estilista e foi como estilista que ela imigrou para Paris, no início dos anos 1960. Seu poema “Me gritaram negra” é uma bandeira na luta contra o racismo. O poema relata o preconceito explícito sofrido pela cor de sua pele e o faz interiorizar uma autoimagem que nega sua autoestima, mas, num crescente, a palavra “negra”, que começa como insulto, transforma-se em

afirmação valorosa da identidade e do orgulho de carregar consigo a pele negra, que representa um símbolo de luta e superação. E foi neste sentido de realmente “chocar” a comunidade acadêmica que nós decidimos trabalhar este poema, por meio de uma apresentação em forma de declamação em grupo.

O grupo foi formado por 24 alunos de 8º e 9º anos, e a aluna Maria Isabel Santos Liberato realizou a declamação, enquanto os demais alunos participaram do coral. Os educandos ficaram imensamente empolgados com a participação e o protagonismo de poder fazer parte deste momento de tamanha relevância. Inicialmente, eles receberam o poema impresso para que pudessem ter seu primeiro contato por meio da leitura. Fizemos alguns questionamentos quanto a já conhecerem o poema e, conseqüentemente, a autora. Alguns já conheciam o poema, mas nenhum deles conhecia a autora. Em seguida, entregamos um pequeno resumo da biografia da autora para que eles pudessem conhecer melhor o poema e a luta da autora, que estava sendo trabalhada em sala de aula. Logo após trabalharmos o poema e a autora, iniciamos os ensaios, decidimos convidar o grupo de capoeira “Cordão de Ouro” para fazer parte da apresentação, pois o som do berimbau traz uma forte representação da cultura africana, que, tocado como som de fundo na declamação do poema, iria trazer uma maior representatividade e encantamento para a apresentação. Os ensaios iniciaram com uma semana de antecedência para podermos realizar a apresentação.

Como pontos positivos, destacamos o empenho do Preceptor Marcos Antônio de Farias Dantas, que fez toda a articulação com os alunos para que eles pudessem participar. A sonoridade e a musicalidade do poema facilitaram a declamação, além da dedicação e do engajamento de todos os alunos, que se prontificaram a participar de forma muito efetiva, dando sugestões e tentando, de alguma forma, melhorar ainda mais a apresentação. Eles foram verdadeiros protagonistas. Devemos, ainda, destacar a participação e o comprometimento do grupo de capoeira “Cordão de Ouro”, que nos auxiliou durante todos os ensaios e deu uma verdadeira aula da cultura afro-brasileira, com ênfase na valorização da cultura da capoeira e suas ancestralidades. Nos pontos negativos, o principal comprometimento da apresentação foi a falta de um espaço adequado para os ensaios, pois tivemos, inclusive, que ensaiar na parte externa da escola. Nesse contexto, o sol acabou atrapalhando um pouco, e os alunos se sentiram desmotivados por alguns momentos, mas tentamos colocar para eles que a vida nem sempre nos oferece um ambiente propício à realização de nossos objetivos e que isto não deve ser motivo para nossa desistência, pois é na dificuldade que buscaremos forças para prosseguir e conseguir vencer. Desse modo, diante de todas as dificuldades, realizamos a apresentação de forma esplêndida, e a participação e a dedicação de todos fizeram toda a diferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto nesse relato, podemos salientar que as vivências ou participações junto aos alunos nesse momento de exposição de suas competências e habilidades serviram de aprendizado para nós enquanto futuros docentes, pois observamos que o processo de construção do aprendizado perpassa diversos formatos ou metodologias de ensino. O I Festival de Arte Preta evidenciou essa afirmação, ao passo que observamos as apresentações dos alunos, o domínio dos assuntos trabalhados nas exposições orais, as apresentações artísticas, ressaltando a riqueza da cultura negra, o combate à escravidão e o reconhecimento da identidade negra, cientes de que a cor de suas peles não é nenhum demérito, mas, sim, uma característica que os torna únicos e capazes.

Cada um de nós residentes teve a oportunidade de trabalhar com os alunos apresentações ou atividades que explorassem suas aptidões, fossem elas declamação de poemas, peças teatrais, apresentações artísticas voltadas para o reconhecimento e luta contra o preconceito ou racismo, etc.

Tais atividades foram uma ótima oportunidade de aprender e ensinar, e os ensaios e o empenho de ambas as partes, alunos e residentes, somaram-se para resultar no sucesso das atrações do evento. O olhar docente de nós residentes se consolida a cada momento como esse, a cada tarefa realizada em parceria com nossos alunos.

Desse modo, corroboramos a premissa de que o Programa de Residência Pedagógica do Instituto Federal de Educação da Paraíba Campus – Picuí, além de aproximar os futuros professores da realidade cotidiana da educação básica das escolas públicas, reforça a articulação institucional e a cooperação técnica entre a universidade e as escolas, o que leva à imersão de forma positiva de todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 10 jan. 2024.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

CARLOS, J. G. **Interdisciplinaridade no Ensino Médio**: desafios e potencialidades. 2007. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências, Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2961/1/2007_JairoGoncalvesCarlos.pdf. Acesso em: 14 abr. 2026.

MELO, L. **Cultura e identidade negra na escola**: qual a importância dessa prática? Politeze, 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/cultura-e-identidade-negra>. Acesso em: 11 mar. 2024.

PEREIRA, M. M. **Notas sobre a Literatura Afro-Brasileira na escola**. Instituto singularidades, 2021. Disponível em: <https://blog.institutosingularidades.edu.br/notas-sobre-a-literatura-afro-brasileira-na-escola>. Acesso em: 22 abr. 2024.

SALUSTO, K. **Semana Pedagógica 2023 é realizada com toda a rede municipal de ensino de Picuí**. Prefeitura Municipal de Picuí. 03 fev. 2023. Disponível em: <https://www.picui.pb.gov.br/noticia/semana-pedagogica-2023-e-realizada-com-rede-municipal-de-ensino-de-picui>. Acesso em: 15 mar. 2024.

SOUZA, W. **“Carolina Maria de Jesus”**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/carolina-maria-jesus.htm>. Acesso em: 17 jan. 2024.

SILVA, T. G. **Protagonismo na adolescência**: a escola como espaço e lugar de desenvolvimento humano. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/40998/R%20-%20D%20-%20THAIS%20GAMA%20DA%20SILVA.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jan. 2024.